

O drama da criança bem-dotada

A busca do verdadeiro eu

Alice Miller

Tradução de Claudia Abeling



O DRAMA DA CRIANÇA BEM-DOTADA
A busca do verdadeiro eu
Alice Miller

Do original em língua alemã
DAS DRAMA DES BEGABTEN KINDES
Und die Suche nach dem wahren Selbst
Eine Um- und Fortschreibung

Copyright © Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main 1995, 1996
Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Tradução: **Claudia Abeling**
Revisão técnica: **Walter Ribeiro**
Preparação: **Janaína Marcoantonio e Karina Gercke**
Revisão: **Mariana Marcoantonio**
Diagramação e projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Capa: **Renata Buono**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

1	O drama da criança bem-dotada e como nos tornamos psicoterapeutas.....	7
	Qualquer coisa é melhor do que a verdade	9
	Pobre criança rica.....	13
	O mundo perdido dos sentimentos	17
	A procura do verdadeiro <i>self</i>	23
	A situação do psicoterapeuta.....	31
	O cérebro dourado	37
2	Depressão e grandiosidade: duas formas de negação	39
	Destinos das necessidades infantis	41
	<i>O desenvolvimento saudável</i>	41
	<i>O transtorno</i>	43
	A ilusão do amor	47
	<i>A grandiosidade como autoenganação</i>	47
	<i>A depressão como o reverso da grandiosidade</i>	49
	<i>Depressão como negação do self</i>	53
	Fases depressivas durante a terapia.....	65
	<i>Função sinalizadora</i>	65
	<i>“Atropelar-se”</i>	66
	<i>A acumulação de emoções fortes</i>	67
	<i>Conflitos com os pais</i>	67
	A prisão interior	69
	Um aspecto social da depressão	75
	A lenda de Narciso.....	79

3	O círculo vicioso do desprezo	81
	A humilhação da criança, o desrespeito pelo fraco — onde isso vai dar?	83
	<i>Exemplos do cotidiano</i>	83
	O desprezo no espelho da terapia	95
	<i>A articulação danificada do self na compulsão de repetição</i>	96
	<i>A perpetuação do desprezo na perversão e na neurose obsessiva</i>	98
	<i>A “depravação” no mundo infantil de Hermann Hesse como exemplo de “mal” concreto</i>	106
	<i>A mãe como agente da sociedade durante o período dos primeiros anos de vida</i>	113
	<i>A solidão daquele que despreza</i>	116
	<i>Libertando-se do desprezo</i>	120
	Posfácio de 2008.....	125
	As raízes da violência	129
	Perfil de Alice Miller	133



**O DRAMA DA
CRIANÇA BEM-DOTADA E
COMO NOS TORNAMOS
PSICOTERAPEUTAS**

QUALQUER COISA É MELHOR DO QUE A VERDADE

A experiência nos ensina que, na luta contra os transtornos mentais, temos apenas uma arma de longo alcance: *a descoberta e a aceitação da história, única e específica, de nossa infância*. É possível nos libertarmos totalmente das ilusões? Toda vida é cheia de ilusões, talvez porque a verdade nos pareça insuportável. *Mesmo assim, a verdade nos é tão essencial que o preço por sua perda é adoecer gravemente*. Dessa forma, procuramos descobrir, por meio de um longo processo, nossa verdade pessoal, aquela que, antes de nos brindar com um novo nível de liberdade, dói continuamente — a menos que nos contentemos com um reconhecimento intelectual, o que nos faz permanecer na esfera da ilusão.

Não podemos mudar em nada nosso passado nem desfazer os males que nos foram imputados na infância. Mas podemos mudar a nós mesmos, nos “consertar”, reconquistar nossa integridade perdida. Isso é possível na medida em que decidimos observar mais de perto o conhecimento sobre o passado arquivado em nosso corpo e aproximá-lo de nossa consciência. Sem dúvida, é um caminho desconfortável, mas é o único que nos oferece a possibilidade de, finalmente, deixar a invisível (e ao mesmo tempo cruel) prisão da infância, nos transformando, de vítimas inconscientes do passado, em pessoas responsáveis, que são cientes de sua história e, com isso, capazes de conviver com ela.

A maior parte das pessoas faz exatamente o contrário. Não quer saber nada de sua história e, dessa forma, não

sabe que, no fundo, é continuamente determinada por ela, pois vive situações não resolvidas, reprimidas na infância. Não sabe o que teme e evita perigos que foram reais um dia, mas hoje não existem mais. Essas pessoas são impulsionadas por lembranças e necessidades inconscientes que, com frequência — enquanto permanecerem inconscientes e não resolvidas —, determinam de maneira perversa quase tudo que fazem ou deixam de fazer.

A repressão dos maus-tratos sofridos no passado leva algumas pessoas, por exemplo, a destruir a própria vida e a vida de outros, incendiar casas de estrangeiros, promover vinganças, tudo em nome de um “patriotismo”, a fim de ocultar a verdade de si mesmas e não sentir o desespero da criança torturada. Outras reproduzem ativamente o sofrimento a que foram submetidas, em clubes de flageladores, em cultos a sacrifícios de todos os tipos, no mundo sadomasoquista, chamando tudo de libertação. Há mulheres que furam os mamilos para pendurar brincos, posam para jornais e contam, orgulhosas, que não sentiram dor e que se divertiram com isso. Não há do que duvidar nessas afirmações, pois essas mulheres tiveram de aprender muito cedo a perder a sensibilidade. E o que não fariam hoje para não sentir a dor da garotinha que sofreu abuso sexual pelo próprio pai e precisou imaginar que o atentado fora prazeroso? Uma mulher que sofreu abuso sexual quando criança, que negou a realidade de sua infância, está constantemente fugindo dos acontecimentos passados — com a ajuda de amantes, álcool, drogas ou ações excepcionais. Ela precisa estar sempre “ligada” a fim de não sucumbir ao “tédio”, não pode se permitir um segundo de tranquilidade, quando seria possível sentir a ardente solidão da realidade de sua infância, pois teme esse sentimento mais do que a morte — a menos que tenha tido a sorte de aprender que reviver

e tomar consciência dos sentimentos da infância não mata, liberta. Não raro, o que mata é reprimir os sentimentos, cuja vivência consciente poderia nos revelar a verdade.

A repressão dos sofrimentos da infância determina não só a vida do indivíduo como também os tabus da sociedade. Conhecidas biografias ilustram isso de maneira muito clara. Ao ler biografias de artistas famosos, por exemplo, notamos que sua vida começa em algum ponto da puberdade. Antes disso, o artista teve uma infância “feliz” ou “sem preocupações” ou, ainda, “cheia de privações” ou de “estímulos”, mas o modo como a infância de cada um transcorreu parece ser de absoluto desinteresse. Como se na infância não estivessem ocultas as raízes de toda a vida. Gostaria de ilustrar o fato com um exemplo simples.

Em suas memórias, Henry Moore escreveu que, quando menino, podia massagear as costas da mãe com óleo para reumatismo. Ao encontrar essa passagem no livro, subitamente, fiz uma leitura muito pessoal das obras de Moore: mulheres grandes, reclinadas, de cabeça pequena — vi a mãe pelos olhos do garoto, cuja perspectiva diminuía a cabeça e percebia como imensas as costas próximas. Isso pode ser irrelevante para os críticos de arte. Mas, para mim, é um indício da intensidade com que as experiências de uma criança podem se conservar no inconsciente e das possibilidades de expressão que podem despertar quando o adulto está livre para admiti-las.

Nesse caso, a lembrança de Moore não era nociva e pôde sobreviver intacta. Mas as experiências traumáticas de toda infância permanecem no escuro. Nesse escuro, ficam também escondidas as chaves para a compreensão da vida posterior.